

Saudações amigo! — escrita,  
memória e histórias nas  
cartas emitidas ao poeta José  
Costa Leite

Greetings friend! - writing,  
memory and stories in the  
letters sent to the poet José  
Costa Leite

Geovanni Gomes Cabral<sup>1</sup>



**Resumo:** Este artigo tem o objetivo de analisar um conjunto de cartas emitido ao poeta cordelsita José Costa Leite entre as décadas de 1970 e 1980. Essas cartas, direcionadas de diferentes estados do Brasil e municípios, buscavam conselhos, orações, banhos de limpeza, perfumes do amor e da sorte, Talismã da Sorte e guias astrológicos. Para este ensaio, selecionei seis cartas e a contracapa de cinco folhetos, que permitem, a partir de sua investigação, perceber a dinâmica cultural estabelecida por esse poeta e sua produção. Pretende-se entender as práticas culturais e as redes de comercialização estabelecidas via agência dos Correios, entre o emissor e o receptor, em um período marcado por uma potencial produção de folhetos de cordel, almanaques e matrizes xilográficas. **Palavras-chave:** cartas; almanaque; folhetos de cordel; matriz xilográfica; poeta popular.

**Abstract:** This article aims to analyze a set of letters issued to Cordelite poet José Costa Leite between the 1970s and 1980s. These letters, addressed to different Brazilian states and municipalities, sought advice, prayers, cleaning baths, perfumes of love and luck, Lucky Talisman and astrological guides. For this essay, I selected six letters and the back cover of five pamphlets, which, based on his investigation, allow us to perceive the cultural dynamics established by this poet and his production. It is intended to understand the cultural practices and the commercialization networks established via the Post Office, between the sender and the receiver, in a period marked by a potential production of cordel leaflets, almanacs and woodcut matrices. **Keywords:** letters; cordel leaflets; woodcut matrix; popular poet.



## Considerações iniciais

“Correios! Correios!” — assim eram as palavras do carteiro quando se aproximava das casas com alguma correspondência em sua mochila. Lembro-me desse momento, inclusive quando minha mãe dizia: “lá vem o carteiro!”. Acontecia quinzenalmente e, em geral, esse era o tempo estimado para a chegada de alguma carta da família, algum telegrama, um cartão postal de um amigo ou alguma revista de que se tinha a assinatura. Gerava uma certa expectativa, uma curiosidade, algo fascinante. Lembro que minhas primas sentavam no canto da sala e começavam a escrever, apoiadas em uma cadeira, cartas de amor com declarações, saudades e alguma poesia encontrada em revistas femininas que chegavam até elas. Após a escrita, liam e perguntavam-se umas às outras: “como ficou?” Existia uma certa cumplicidade nessas histórias de amor, afetividade e desejos.

Semelhante ato ocorria quando eu escrevia para uma prima de São Paulo, para um amigo que estava em Barcelona. Contava segredos, dividia emoções e, em seguida, dobrava a carta, comprava um envelope e me dirigia a uma agência dos correios mais próxima. Ficava na expectativa de sua chegada ao destino final e na resposta dos amigos. Todas as vezes que o carteiro se aproximava e eu ouvia sua voz (correios! correios!), corria para a porta de casa e de lá perguntava: “tem alguma carta hoje?” Isso já ocorreu há alguns anos. A velocidade das informações possibilitaram uma outra prática de escrita, envio de mensagens e comunicação, além de maneiras distintas de acessar e receber as notícias. Nessa passagem do tempo, muitas dessas correspondências sobre amor, assuntos de família e negócios foram substituídas pelo *e-mail*. Os computadores começaram a fazer parte das práticas culturais de milhares de pessoas. Gradativamente, a comunicação passou a ser estabelecida em segundos, e o gerenciamento das informações adquiriu outras formas de circulação. A resposta chegava em outra velocidade, os gritos do carteiro já não se faziam tão presentes no cotidiano das pessoas, e a escrita da carta adquiriu novos significados, funções e direcionamentos. A escrita se fez presente em uma outra materialidade, e já não eram utilizadas as canetas azul, preta ou vermelha. Não mais se rasgava a folha do caderno para escrever, preenchendo cada lauda com emoções, desejos e afetividades. O ato da escrita de si assumia uma outra dimensão. Não se viam mais os envelopes, nem os selos desenhados e carimbados. O armazenamento da comunicação deixou de ser feito em caixas de sapato ou pastas para ocupar HDs, *disketes*, *pen-drives*, *smartphones* ou espaços do Google.

Geovanni Gomes Cabral  
Saudações amigo! — escrita, memória  
e histórias nas cartas emitidas ao poeta  
José Costa Leite



Mesmo com esse aparato tecnológico que se atualiza a cada instante, muitas pessoas continuam escrevendo e postando cartas e cartões-postais; esperam dos carteiros notícias da família que está distante, alguma revista, livros ou mercadorias. O “tempo do carteiro” ainda se faz presente em vilas e cidades espalhadas pelo Brasil. Essas temporalidades da escrita de si se conectam no cotidiano e nas práticas culturais.

Diante dessas mudanças de cunho tecnológico, principalmente na forma de se comunicar e escrever, muitos historiadores passaram a pesquisar e a se debruçarem nos arquivos pessoais. Famílias passaram a doar coleções, pastas de documentos, bibliotecas, pinturas em quadros etc. para as instituições “[...] preservarem seus acervos e memórias.” A historiadora Ângela de Castro Gomes, em seu texto *Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos Arquivos Privados*, tece uma análise acerca da importância desses arquivos privados para o historiador, destacando, inclusive, dois importantes centros documentais que se constituíram no País na década de 1970: o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV) e o Arquivo Edgard Leuenroth, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) (GOMES, 1988). Ressalta-se o quanto esses espaços ampliaram o *boom* das pesquisas no campo da História Cultural no País, despertando o “feitiço” e a “sedução” por essas fontes e suas múltiplas possibilidades de leituras e interpretações. Neste ponto, você deve estar se perguntando: “por que essas reminiscências?”

No transcorrer de meu doutorado, tive a oportunidade de acessar o arquivo pessoal do colecionador Liêdo Maranhão.<sup>2</sup> Já o conhecia por saber que guardava um rico acervo de folhetos de cordel. Era comum ler nos jornais ou ver na televisão alguma matéria com Liêdo em que destacava a importância dessa poesia e de sua diversidade temática. Nesse percurso investigativo, conheci seu filho, Romam Maranhão, nos corredores do Centro de Artes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Falei a ele sobre a pesquisa que vinha desenvolvendo sobre o poeta José Costa Leite,<sup>3</sup> e que estava pesquisando os folhetos e os cadernos de anotações de seu pai, Liêdo Maranhão, que estavam sendo digitalizados pelo Departamento de Ciência da Informação da UFPE. Ele gostou do tema da pesquisa e, na conversa, mencionou que o acervo de seu pai continha pastas com correspondências que foram endereçadas aos poetas populares entre 1970 e 1990. Falou que seu pai gostava de colecionar essas missivas e que as pedia aos poetas quando os encontrava na praça do Mercado de São José, local de encontros, vendas de folhetos e trocas de mercadorias.



Segundo Costa Leite, durante os anos em que circulava pelo Mercado de São José, “*Liêdo sempre que me encontrava pedia as cartas que eu recebia dos amigos. Eu lia, respondia e entregava a ele. Acho que ele gostava de ler*” (LEITE, 2015). Provavelmente, esse mesmo tratamento ele estendeu a J. Borges, Manoel Camilo dos Santos, Dila, Manuel d’Almeida Filho e Manoel Caboclo e Silva, pois encontrei algumas cartas destinadas a esses poetas durante as etapas que compreenderam a pesquisa.

Cabe destacar que Liêdo Maranhão, durante a década de 1970, gostava de frequentar, todas as manhãs, o Mercado de São Jossé no bairro do Recife. Era um espaço conhecido por cordelistas e poetas como a *Meca do Cordel*. Era comum ver “rodas de poesia”, várias barracas expondo, em seus tabuleiros ou barbantes, as inúmeras histórias desses poetas (SOUZA, 1977; GUILLEN; GRILLO; FARIAS, 2010). Foi nesse espaço de cultura e poesia que Liêdo estabeleceu contato com esses escritores. Sentado em uma cadeira, ficava anotando tudo o que se passava; ele organizou uma espécie de diário em que registrava tudo o que acontecia em torno desse mercado. Daí vem o potencial de seu acervo, pois colecionava cartões-postais, santinhos de igrejas, folhetos de cordel, cartas de poetas, cartazes de filmes exibidos no bairro do Recife, fotografias e relatos de prostitutas e seus clientes. Ao total, chegou a preencher 27 volumes com mais de 300 páginas cada. Muitas dessas informações ajudaram a entender o conteúdo das cartas.

Para mim, naquele momento, foi uma surpresa em todos os sentidos. Até então, não tinha conhecimento dessas cartas ou de algo parecido. Como assim? Cartas endereçadas ao poeta? Nas entrevistas que vinha realizando com José Costa Leite, em seus relatos de memória, ele nunca mencionou algo desse tipo. A conversa norteava a produção artística e suas vendas nas feiras livres que frequentava. Quando passei a ter acesso à Casa Memória da Poesia Popular Liêdo Maranhão, Romam, seu filho, gentilmente me concedeu toda a documentação. Eu olhava para as pastas com emoção; algumas nem fechavam de tantas missivas.

Os olhos brilharam, o coração bateu mais forte. Como era possível aquelas cartas existirem e ainda estarem preservadas com seus envelopes e selos? Que mensagens elas continham? Quais eram as possíveis leituras de seus escritos? Quem escreveu e com quais intenções? Tais expectativas abriram um horizonte para se pensar o poeta de cordel, sua produção e suas práticas culturais. Por isto, as lembranças do carteiro, das idas e vindas à agência dos correios: o poder de imaginar como aquelas cartas circularam, seus propósitos, seus emissores e



sua receptividade nas mãos do poeta.

O presente texto tem como objetivo problematizar essas redes de comunicação e práticas culturais que eram exercidas por meio do poeta José Costa Leite na divulgação de sua criação artística, tomando como fonte documental as cartas recebidas entre as décadas de 1970 e 1980. Para tanto, foram selecionadas seis cartas que sinalizam a reflexão sobre a relação entre o emissor e o receptor, a maneira como ocorriam as movimentações de folhetos, almanaques e conselhos astrológicos, e as formas de pagamento desses produtos.

### Cartas em movimento

Desde a década de 1940, o poeta José Costa Leite vem propagando suas histórias em feiras livres, praças e mercados. Começou vendendo folhetos<sup>4</sup> de outros poetas e, depois, passou a escrever sua própria poesia. Suas experiências de ouvir histórias (declamadas pelos poetas na feira) e suas andanças pelos sítios e roçados por onde trabalhou foram determinantes em sua escrita poética. Escrevia em folhas de caderno, levava para imprimir na tipografia e, depois, vendia nas feiras livres. Sua habilidade em “cantar” (declamar) o folheto e fazer “rodas” (círculo de pessoas) para ouvir as histórias o fez conhecido nas feiras do Nordeste do Brasil. Aprendeu a fazer matriz xilográfica,<sup>5</sup> vender xilogravuras e escrever almanaques de cordel (CABRAL, 2013, p. 69-96).<sup>6</sup> Como um andarilho da poesia, seu nome ficou conhecido entre os cordelistas, nos sítios e engenhos de cana-de-açúcar, e nas fazendas e feiras livres (CABRAL, 2019). Foi nesse ambiente de produção e propagação de seu trabalho, que demonstra a confiança e a qualidade de seu ofício, que essas cartas foram escritas e enviadas à sua residência.

As cartas endereçadas ao poeta, que residia na cidade de Condado (Zona da Mata, norte de Pernambuco), principalmente entre os anos de 1970 e 1990, mostram que existia uma dinâmica de circulação de folhetos, matrizes xilográficas e almanaques, encomendados via missivas e correios, que ultrapassavam as fronteiras do universo da feira e sua comercialização (BRASIL, 2006; CABRAL, 2019).

Até então, meu olhar para essa pesquisa estava entre o poeta e o comércio de sua produção artística nas feiras livres. Agora, as lentes convergiam para entender a circulação dessas mercadorias e suas redes de negociações. Para a análise, foi importante fazer o levantamento de algumas contracapas de folhetos



(verso do folheto), pois esses espaços eram reservados para propagandas e anúncios. Especificamente, os folhetos de Costa Leite anunciavam locais de venda, novos livros e dias/locais das feiras das quais ele participava. Também foram realizadas cinco entrevistas com o poeta José Costa Leite em sua residência. Mas, qual a relação entre essas cartas e a contracapa dos folhetos pesquisados?

A partir das análises de alguns folhetos, foi possível verificar que o poeta Costa Leite, além de vender nas feiras à grosso e à varejo, também atendia pelos correios. Quando fiz essa leitura pela primeira vez, não imaginava tal dinâmica comercial, e muito menos que teria acesso a essas missivas e seu conteúdo. Eu sabia que muitos folhetos eram enviados pelos correios a donos de bancas em feiras (locais de revenda) ou de algum estabelecimento comercial. Mas, não pensava que os pedidos eram feitos por meio dessas cartas. Percebi isso a partir de fragmentos de anúncios, nas contracapas de alguns folhetos, como *Uma mulher carinhosa*, de oito páginas: “Atenção! Remete-se pelo correio qualquer quantidade de livros, mediante à importância do pedido para qualquer estado do Brasil. Façam seus pedidos de Almanagues, folhetos e Horóscopos a José Costa Leite no endereço acima” (LEITE, [197-?e]). Também se vê esse tipo de anúncio no folheto *O drama do retirante*, de oito páginas: “Encomendas de Horóscopo, Talismã da Sorte, defumador, banho de limpeza, sabonete e perfume do signo.” e no folheto *A chegada de Silvino na Vila Macaparana*, de oito páginas: “Atenção! Xilogravuras em qualquer tamanho? Com José Costa Leite.” (LEITE, [197-?d]).

A leitura dessas contracapas me permitiram perceber a variedade de produtos que eram comercializados e o quanto José Costa Leite era um comerciante estratégico, pois, além de vender os folhetos, negociava xilogravuras e seu próprio almanaque, e ainda fazia estudos astrológicos com horóscopo, que denominava Talismã da Sorte. Cabe resaltar que, nesse período, circulavam, em feiras livres, bancas de poetas, mercados e praças, uma variedade de livros, almanques de farmácia, almanagues de cordel e revistas direcionadas ao público feminino, como, por exemplo, as revistas *Bianca*, *Sabrina* e *Capricho*; livros de magia; guias astrológicos e previsão do futuro; livros da *Cruz de Caravaca*<sup>7</sup> e de *São Cipriano da Capa Preta*<sup>8</sup> (FERREIRA, 1996). Era comum um poeta de cordel dispor desses livros em seu ponto comercial, além de vender velas, defumadores e ervas medicinais. Costa Leite era um desses revendedores. Um homem múltiplo em suas ações e estratégias comerciais. Porém, algo me inquietava: era entender como funcionava esse comércio pelos Correios, principalmente pelo tempo entre a chegada de uma carta e sua devolução. De



que forma ele procedia para atender essas pessoas e seus pedidos, uma vez que passava grande parte do tempo comercializando nas feiras? Com que público ele mantinha contato? De que local do Brasil chegavam esses pedidos pelos Correios? Qual o conteúdo dessas cartas?

Essas correspondências e suas leituras possibilitam pensar de que forma cordelistas, comerciantes, revendedores, homens e mulheres de fazendas, sítios, engenhos e cidades mantinham essas práticas de escrita e leitura. Principalmente em um período em que as informações chegavam por folhetos de cordel, jornais, revistas, rádio e, posteriormente, TV. No primeiro momento, tive acesso a três pastas que guardavam essas correspondências com seus envelopes, sem rasuras e bem conservadas. Pude pegar carta por carta, digitalizá-las e fazer as devidas anotações. Percebia que não eram apenas cartas de José Costa Leite, mas de outros poetas com quem mantinha contato. No segundo momento, ainda em fase de leitura e sistematização, tive a oportunidade de digitalizar mais quatro pastas, que ainda não foram contabilizadas e analisadas.

Para a primeira fase, contabilizei 174 cartas, o que ampliou a visão acerca do trabalho exercido por esse poeta e sua dinâmica de comercializar seus produtos e ganhar dinheiro. Essas cartas enviadas a José Costa Leite foram postadas de vários estados e municípios do Brasil, algumas partindo do interior de Pernambuco. Sua localização no espaço geográfico ficou distribuída conforme mostram os Quadros 1 e 2.

**Quadro 1** - Escolas Primárias existentes em 1856

Estado remetente	Número de cartas
Alagoas	34
Bahia	27
Minas Gerais	23
Brasília	14
Ceará	7
Espírito Santo	5
Goiás	5
Paraíba	5
Piauí	2
Rio de Janeiro	2
Rio Grande do Norte	2
Rio Grande do Sul	1
Santa Catarina	1
São Paulo	1



Sergipe	5
Total	135

Fonte: elaborado pelo autor.

**Quadro 2** - Cartas enviadas a José Costa Leite de diversos municípios de Pernambuco

Município remetente	Número de cartas
Amaraji	1
Arcoverde	1
Belo Jardim	2
Caruaru	1
Floresta	2
Limoeiro	1
Passira	1
Pesqueira	1
São José do Egito	18
Surubim	5
Toritama	5
Vicência	1
Total	39

Fonte: elaborado pelo autor.

Geovanni Gomes Cabral  
Saudações amigo! — escrita, memória  
e histórias nas cartas emitidas ao poeta  
José Costa Leite

Como já mencionado, ao acessar as correspondências, tive permissão para digitalizá-las, o que facilitou a sua leitura e posterior catalogação. De algumas cartas escolhidas, analisei as mensagens, o que me possibilitou perceber a rede de distribuição e consumo exercida por esse poeta e propagada em sua página editorial (contracapa), bem como a forma como eram solicitadas essas mercadorias. Essa documentação não reflete o “testemunho da realidade” de todos os poetas que estão inseridos no ramo da literatura de cordel; contudo, permite entender que alguns poetas estabeleciam uma rede de comunicação e comercial além das bancas em feiras. Ou seja, não temos apenas o poeta negociando seus folhetos ou declamando em praça pública, mas conectado a outras demandas e estratégias comerciais. Aqui, especificamente, refiro-me a Costa Leite (MALATIAN, 2011).

Ao analisar essa documentação, percebi que o poeta recebia encomendas



de folhetos, almanaques, leituras de signos, horóscopos (mapa astral) e matriz xilográfica (taco de madeira) de diferentes locais do Brasil. Ele as lia e respondia, enviando a mercadoria solicitada. O interessante é que os envelopes das cartas localizadas contêm anotações realizadas pelo poeta, como a data em que a carta foi respondida, o preço das mercadorias, os pedidos para serem enviados com urgência, a relação de livros e as datas de pagamentos. Essas informações me levaram a pensar que existia um certo controle, uma forma de o poeta não se perder diante de suas inúmeras atribuições desde a feira até a produção de xilogravuras, folhetos e almanaques.

As cartas, em sua maioria, foram enviadas de regiões afastadas dos centros urbanos, como sítios e fazendas. Correspondem ao registro de uma época em que a comunicação entre as pessoas levava um certo tempo, pois os intervalos entre uma carta e outra eram de semanas ou meses. Muitas vezes, esse longo tempo levava o emissor a escrever uma outra carta em que perguntava se seu pedido havia sido recebido e informava que precisava muito de uma resposta do poeta. Nesse lugar de sociabilidade, fluíam diferentes formas de leitura e apropriação das informações. Nesse contexto, algumas pessoas não sabiam ler nem escrever, e pediam aos outros que fizessem isso por elas. As cartas permitem refletir acerca dessas práticas de leitura, experienciadas entre pensar, escrever, postar e esperar uma resposta. Muitas se prontificaram em pôr no papel desejos e intenções, produzindo um corpo textual endereçado a um poeta que, de certa forma, despertava algum interesse, seja pela poesia do folheto, pelos conselhos sobre amor e trabalho ou pelas práticas advinhatórias (GOMES, 2004).

No tocante ao suporte material dessas cartas, encontrei 15 datilografadas e 159 escritas a mão, ambas de revendedores de folhetos, agricultores e agricultoras, almanaqueiros, pesquisadores e outros poetas de cordel. Todas são cartas passivas; não foram localizadas cartas enviadas pelo poeta, apenas anotações no envelope que sinalizam que ele respondeu aos pedidos solicitados. Muitas dessas cartas apresentam certa dificuldade de leitura, sendo difícil compreender a grafia e interpretar o texto, que configura um entrelaçamento entre a língua escrita e a falada. Palavras em que faltavam letras e algumas de difícil entendimento, mas, no geral, precisas e objetivas em sua intenção. Redigidas em papel pautado, ofício ou folha de caderno, com canetas esferográficas azul, preta ou vermelha, as cartas partilhavam com o poeta Costa Leite ideias, pedidos, laços de amizade, pagamentos realizados e agradecimentos. Algumas eram verdadeiras confissões da vida amorosa;



outras pediam para “amarrar o marido”<sup>9</sup>, conseguir emprego, deixar de beber e descrever o signo do casal. Os pedidos eram variados: conselho para se casar, banhos da sorte, perfumes do signo, conselhos para afastar pessoas inimigas e retirar a inveja. Ou seja, uma multiplicidade de pedidos e intenções, um jogo de confiança, amizade e práticas comerciais, com valores e papéis bem definidos entre o emissor e o receptor.

### Prezado, saudações!

Foram encontradas, no conteúdo dessas cartas, solicitações de amigos e desconhecidos que se reportavam a um poeta que não media esforços para fazer circular seus trabalhos. A regra maior era negociar, vender e obter algum lucro. As cartas, em que as palavras demonstravam certa familiaridade, eram tecidas de forma direta e objetiva. Outras vinham com desabaços e pedidos de aconselhamento diante dos dilemas da vida. Foi possível perceber o quanto “[...] o público é moldado pelo escrito” (CERTEAU, 2009, p. 238) em uma época em que a oralidade caminhava de mãos dadas com as práticas de leitura e escrita. Costa Leite era mestre nessas ações e, estrategicamente, ocupava diferentes espaços sociais com suas diversas atividades, visando a ganhar dinheiro e propagar seu nome. Organizava o tempo entre sua criação artística, a leitura das cartas e o envio das encomendas ao emissor. Nas análises que seguem, deixei registrada a disposição da escrita, de acordo com a forma com que a carta se apresenta no documento original. Como ponto de partida, tem-se a carta escrita em 26 de janeiro de 1978 por Alípio Bispo dos Santos, residente em Salvador/BA:

Prezado amigo  
José Costa Leite  
Abraço  
Mande-me o preço dos 100 calendários para mim enviar-lhe o dinheiro.  
Mande-me dizer se ainda tem aquele folheto A mulher que quebrou as gaias do marido com mão de pilão e qual o preço do cento.  
Sem mais  
Alípio Bispo dos Santos (SANTOS, 1975).<sup>10</sup>

A carta começa com as devidas saudações, e segue perguntando a Costa



Leite o preço de calendários (almanaques) e folhetos. O senhor Alípio parece ter laços de amizade e confiança, pois deixa claro que, assim que chegar à sua residência o valor das mercadorias solicitadas, ele enviará o dinheiro para a remessa. A resposta do poeta foi enviada em 10 de fevereiro de 1978, conforme anotações localizadas no envelope. Essa prática de confiança se estendia praticamente a todas as correspondências analisadas nesta pesquisa. Ele embalava, despachava e, só depois, o dinheiro era depositado em sua conta ou entregue em suas mãos. Além dessas pessoas com quem mantinha contato sem conhecer, o poeta estabelecia vínculo com seus revendedores, com os quais fazia a distribuição dos folhetos e almanaques para serem vendidos nas feiras livres e nas praças.

Costa Leite lia essas cartas e fazia as devidas anotações no envelope antes de seguir com a resposta para a agência dos correios, que ficava próxima à sua residência, no centro de Condado/PE. A documentação possibilita pensar que existia um elo de comunicação que ultrapassava o ambiente das feiras e de suas andanças pelas tipografias. A correspondência do poeta Olegário Fernandes, residente no município de Caruaru/PE, de 20 de maio de 1981, aponta a mesma prática descrita anteriormente, de receber a mercadoria para vender e, só depois, pagar. Vejamos:

Saudações  
Senhor Costa Leite.  
A fim desta é para lhe  
Avisar, que o dinheiro do almanaque está com  
Seu Edson, muito  
Obrigado pela atenção.  
Fica 400,00 cruzeiro  
De acordo que tinha  
Escrito no pacote a  
Importância é essa.  
Fim  
Olegário Fernandes (FERNANDES, 1981).<sup>11</sup>

Outro aspecto observado são os pedidos diversificados, assim como as histórias que circularam pelo Brasil (SLATER, 1984). Na carta de Expedito F. Silva, são solicitados ao poeta folhetos sortidos com a especificação do número de páginas (8 e 16) e o calendário do ano de 1984. O remetente avisa que postará o dinheiro antes dos 30 dias. Essas informações refletem a dinâmica da vida



do poeta para manter as publicações, porque o pagamento dessas transações comerciais ficavam sempre para depois, tendo em vista o intervalo entre uma carta enviada e outra. Contudo, ele precisava gastar com passagens, pagar os impressos tipográficos e manter a família. Isso talvez explique o fato de esse homem ter-se envolvido em diversas atividades comerciais para manter a vida e os gastos com o “ramo da poesia”. Observe como Expedito descreve seu pedido na carta a seguir:

Costa Leite amigo  
Saúde  
Recebi as amostras dos exemplares  
Gostei muito principalmente dos  
Clichês pagamento com 30 dias.  
Me envie um cento de 8 páginas  
Sortidos do Viadinho e outros  
50 de 16 páginas sortidos.  
Se ainda tem o calendário 84  
Me envie 20.  
Um abraço cordelino deste  
Amigo de sempre Expedito F. Silva  
Antes de 30 dias te envio  
O dinheiro por vale postal  
Por hoje é só (SILVA, 1984).<sup>12</sup>

No envelope dessa carta, foi possível verificar que as solicitações do senhor Expedito foram atendidas. Seu pedido foi despachado pela agência dos Correios em 15 de fevereiro de 1984, com 100 folhetos de oito páginas, mais 50 folhetos de 16 páginas e 25 folhetos de 32 páginas. Quanto ao almanaque, o poeta diz que não tem os de 1984, mas que em breve estará enviando o de 1985. O que chamou minha atenção foi que, em uma outra carta de Costa Leite para Expedito, foram enviados alguns clichês (matriz xilográfica) com exemplares de seus desenhos na madeira.

O conteúdo dessas cartas realmente chama muito a atenção, tendo em vista os pedidos comerciais envolvendo os anúncios postados na contracapa dos folhetos. Por exemplo, no folheto *A feiticeira do reino da Serra Branca* (LEITE, [197-?b]), a contracapa mostra um Costa Leite atuante em várias atividades comerciais, envolvido em práticas religiosas, adivinhatórias e proféticas: “V.S. more onde morar e esteja onde estiver, poderá pedir, o seu Horóscopo, o Talismã

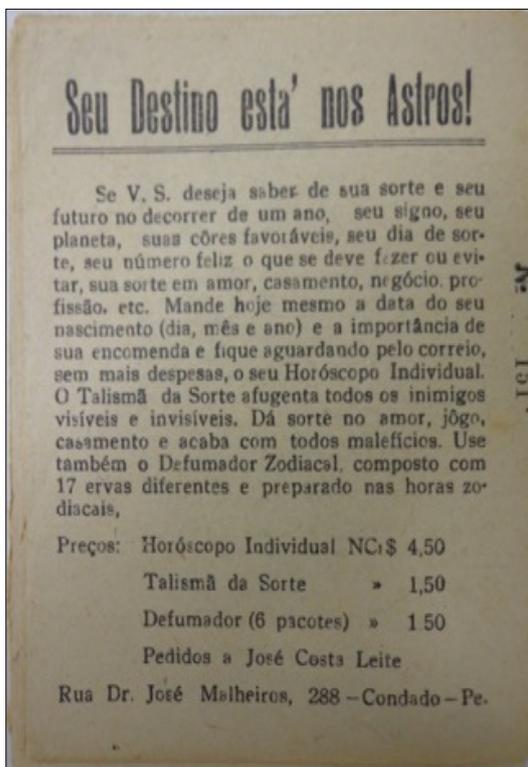


da Sorte, o Perfume do seu Signo, o Banho de Limpeza, o Sabonete do seu Signo e o defumador Chama da felicidade.”

Tais experiências estão associadas à elaboração de seu almanaque e às leituras que realizava em outros livros para sua confecção, como *Lunário Perpétuo; Astrologia Prática e Tarô Adivinhatório* (LEITE, 2013). Por meio desse campo cultural, segundo os indícios da pesquisa, ele se projetava como uma espécie de “profeta”, e as pessoas, ao que parece, acreditavam em suas palavras e preceitos, como se pode ver no conteúdo de algumas cartas mencionadas anteriormente.

Diante da relevante circulação e valoração social de suas produções, esse poeta passou a receber cartas de pessoas solicitando conselhos para casamento, pedidos de oração, banhos de limpeza, defumadores etc. Intercalavam-se leituras do tempo, experiências do cotidiano e da vida, saberes essenciais para a manutenção desse conjunto escriturístico voltado às práticas adivinhatórias. Na Figura 1, pode-se ver a contracapa do folheto *A vitamina B-12 que cura a dor do amor* (LEITE, [197-?c]), com oito páginas. Nela, há um lembrete bem peculiar que corrobora a nossa discussão, a começar pelo título *Seu destino está nos astros!*

**Figura 1** - Contracapa do Folheto A vitamina B-12 que cura a dor do amor



Fonte: Gaspar (2017).

Nesse anúncio, o poeta é enfático e usa as dimensões temporais como um artifício simbólico a seu favor. Passado, presente e futuro tornam-se elementos mobilizados na composição de sua poesia escrita. Mas, o tempo também era um elemento articular para que o poeta fizesse da sua arte uma forma de ganhar dinheiro. Essa relação fica grafada, inclusive, nos trechos escritos com os valores da sua produção: “Se V. S. Deseja saber de sua sorte e seu futuro no decorrer de um ano [...] envie a importância de sua encomenda e fique aguardando pelo correio.” Ele deixa claro o valor para que não haja dúvidas na contratação dos serviços. Essa estratégia é algo significativo quando se leva em conta seu trabalho de



escrever essas publicações. Por meio dos anúncios é que surgem os pedidos e as cartas são enviadas ao poeta. A carta datilografada e datada de 23 de dezembro de 1982, enviada a Costa Leite por Maria Rusinelma Guimarães, residente em Mossoró/RN, traz o seguinte:

Amigo José Costa Leite

Estou lhe escrevendo esta cartinha, para pedir para o senhor manda-me meu Horóscopo e o Talasma da Sorte. A data do meu nascimento é 5-10-49. Peço que me mande o número de sua conta para eu mandar o dinheiro do Horóscopo e do Talasma.

Nada mais de sua cliente

Maria Rusinelma Guimarães (GUIMARÃES, 1982).<sup>13</sup>

De fato, a senhora Maria Rusinelma fez um texto simples, claro e objetivo. Não se estendeu com saudações nem com relatos de situações do seu cotidiano. Foi direto ao assunto, enfatizando: “nada mais de sua cliente.” Essa declaração é muito significativa, pois estabelece o lugar de cada um nessa transação comercial. Percebe-se uma relação de amizade, confiança e continuidade, à medida que se coloca como cliente, sugerindo a existência de outras compras. No trecho “manda-me meu Horóscopo e o Talasma da Sorte”, pode-se perceber uma relação de amizade e confiança. Muito semelhante a essa é a carta de Wilson Luiz de Araújo Galvão, de Canguaretama/RN, escrita em 22 de fevereiro de 1974:

Prezado Amigo Costa Leite

Quero meu Horóscopo meu signo é Gêmeos

Quero também meu Talismã da Sorte

Quero o perfume do signo Gêmeos

Banho de limpeza e defumador

E chama da felicidade para acabar

Com todos malefícios e fazer entrar

A felicidade (GALVÃO, 1974).<sup>14</sup>

No envelope dessa correspondência, Costa Leite tratou de fazer as anotações dos produtos solicitados e os respectivos preços em cruzeiros: horóscopo – 500, talismã – 200, banho – 500, defumador chama da felicidade – 2.000, perfume do signo – 400 e sabonete do signo – 200. Contabilizando um total de Cr\$20.000,00 (vinte mil cruzeiros), mesmo valor descrito na contracapa



do folheto *A Feiticeira do reino da Serra Branca* (Figura 2). Não encontrei data de envio desses produtos, apenas a indicação, no envelope da carta, “falta responder”, termos utilizados pelo poeta para dizer que ainda iria responder ao pedido do cliente.

**Figura 2** - Contracapa do folheto *A Feiticeira do Reino da Serra Branca*



Fonte: Cabral (2011).

É importante observar que existem variações nos valores de suas mercadorias, tendo em vista que os preços seguem as regras do mercado. É possível afirmar, com a circulação e distribuição de folhetos e almanaques, que esses produtos conseguiam percorrer engenhos e municípios, chegando a diferentes camadas sociais, entre amigos e desconhecidos do poeta (GALVÃO, 2000; GRILLO, 2005). É o que nos indica a carta de Antônio Francisco de Almeida, escrita em 15 agosto de 1982, no Engenho Pindorama, município de Macaparana/PE:

Presado meu amigo desconhecido José Costa Leite a li escreve estas e para enviar esta carta porque eu lendo este Almanaque

Geovanni Gomes Cabral  
Saudações amigo! — escrita, memória  
e histórias nas cartas emitidas ao poeta  
José Costa Leite



encontrei este Talismã da sorte aqui tem o preço cr\$ 200,00  
cruzeiro eu escrevo esta eu queria quando esta carta chegace  
ai o senhor mim respotace esta porque eu queria adequiri este  
talismã para minha familia eu não envio o dinheiro porque não  
tenho certeza desta carta chegar ai eu queria a resposta porque  
eu tem a certeza.

Antônio Francisco de Almeida (ALMEIDA, 1982).<sup>15</sup>

O texto, produzido por Antônio Almeida, remete-nos a várias questões. Neste caso, é uma pessoa desconhecida, não é amigo, muito menos revendedor. Porém, teve acesso ao almanaque que, possivelmente, comprou na feira ou pegou de outra pessoa. Segundo sua descrição, leu e se interessou pelo talismã, o qual gostaria de adquirir. Nos pedidos e anúncios, vê-se a credibilidade dada a esse Talismã da Sorte. Quantas pessoas nortearam suas vidas e seus destinos a partir das “descrições” do poeta? A leitura do almanaque, com suas orientações, signos e conselhos, parece ter sido o vetor que direcionou sua curiosidade, atestando a importância dos anúncios e das propagandas presentes na contracapa dos folhetos (NOGUEIRA, 2008).

Por sua vez, Antônio Almeida parece indicar certo grau de confiança nesse compêndio da sorte, demonstrando o desejo de adquirir um exemplar. Segundo Costa Leite, “[...] naquele tempo as pessoas pensavam que eu era espírita, chegavam pedidos diversos para mim” (LEITE, 2015). No contexto aqui apresentado, era comum chamar a outra pessoa de “espírita” quando tentava adivinhar alguma coisa ou indicar algum trabalho envolvendo feitiçaria. Esse relato demonstra que, mesmo não sendo um “espírita”, na visão do poeta, ele não deixou de realizar tais práticas; recebia os pedidos e fazia o mapa astral conforme os clientes solicitavam. Estava em jogo o fato de “ganhar dinheiro” com essas ações. Costa Leite não perdia oportunidades. Por outro lado, as leituras que realizava para confeccionar o almanaque lhe possibilitavam escrever sobre o “futuro” das pessoas. Não temos certeza se, de fato, o talismã chegou às mãos do remetente; o certo é que, no envelope, encontra-se anotada a resposta, 15 dias depois (30 de setembro de 1982).

Foi possível constatar, com a leitura dessas cartas, que existia certa credulidade no uso dessas mercadorias, mobilizando práticas de leitura e escrita e consumo em torno dessas produções, ao que a historiadora Jerusa Pires Ferreira chama de “[...] cultura das bordas” (FERREIRA, 1992, p. 20). Homens e mulheres que frequentavam as feiras livres, quando se direcionavam a essas



bancas de revista ou de cordel, visualizavam uma série de livros espíritas, guias astrológicos, romances, revistas de tarô e almanaques de estudiosos da astrologia; ou seja, subsídios para refletir sobre a procura por signos do zodíaco e adivinhação do futuro.

É possível perceber uma “cultura escrita” (CHARTIER, 2007), produzida por segmentos populares e com fortes vínculos de oralidade em seu processo escriturístico. Poetas e astrólogos mantinham, em suas criações artísticas, esse universo místico, que era uma mistura de catolicismo e práticas adivinatórias e de religiões de matriz africana. Por isso, na banca do Costa Leite podiam-se encontrar velas, defumadores, ervas para banhos e perfumes da sorte, do amor e do signo. Apesar de a venda desses produtos não ter permanecido por muito tempo, por volta da metade da década de 1980 essas mercadorias passaram a ser enviadas mediante solicitações de seus clientes ou de pessoas que acreditavam em seus “conselhos e poderes de cura”.

### Considerações Finais

A pesquisa em torno das cartas endereçadas ao poeta José Costa Leite e a outros poetas, preservadas no arquivo pessoal do pesquisador e colecionador Liêdo Maranhão, possibilitou entender como funcionavam as práticas comerciais e a circulação de folhetos, almanaques e xilogravuras. Essas cartas permitiram entender que existia uma rede mercadológica, uma articulação entre a tipografia, os cordelistas e os revendedores dos folhetos. É importante ressaltar que tais correspondências ultrapassam esse lado comercial, na medida em que eram solicitados conselhos para segurar a pessoa amada, rezas para afastar a inveja e conseguir um bom emprego, perfumes e signo da sorte. É perceptível a relação de confiança estabelecida entre o emissor — que se declara em sua intimidade e afetividade — e o receptor dessas correspondências.

As cartas e suas descrições ainda mostraram que, na década de 1970, existia confiança no ato da compra de mercadorias para serem pagas depois. Muitos revendedores de folhetos e almanaques faziam as solicitações, vendiam em seus municípios e depois realizavam o pagamento via depósito bancário. E, dependendo da distância entre um e outro, marcavam encontros na tipografia ou no mercado de São José para o repasse do dinheiro.

As cartas encaminhadas a Costa Leite vinham de diversas regiões do Brasil, principalmente das mãos de mulheres e homens que residiam em sítios e fazendas. Informações essas que eram sinalizadas nos envelopes e na

Geovanni Gomes Cabral  
Saudações amigo! — escrita, memória  
e histórias nas cartas emitidas ao poeta  
José Costa Leite



sistematização de cada uma delas.

As leituras e análises, aqui apresentadas, não esgotam o que as cartas representam no tocante ao “universo do folheto e sua produção”, mas dão margem à discussão sobre a pluralidade de vivências e experiências sob a imagem do “autor” de folhetos que, muitas vezes, é cristalizado como produtor de folhetos. A partir dessas cartas, encontra-se um poeta múltiplo, plural em suas atividades e inserido em práticas de escrita e leitura. Mergulhar nessas missivas e em seus conteúdos é permitir um campo investigativo permeado de possibilidades; um campo a ser investigado e analisado.

### Referências

ALMEIDA, Antônio Francisco de. [*Correspondência*]. Destinatário: José Costa Leite. Engenho Pindorama, 15 ago. 1982. 1 carta.

BRASIL, Alexia. *Cordel: memória e comunicação em rede*. 168f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

CABRAL, Geovanni Gomes. *Histórias e práticas culturais do poeta José Costa Leite*. Curitiba: Appris, 2019.

CABRAL, Geovanni Gomes. Trajetórias biográficas e literatura: histórias do poeta José Costa Leite. In: CAVALCANTI, Erinaldo; CABRAL, Geovanni (org.). *A história e suas práticas de escrita: relatos de pesquisa*. Recife: EDUFPE, 2013, p. 69-96.

CERTEAU, Michael de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. v. 1.

CHARTIER, Roger. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura séculos XI–XVIII*. Tradução de Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Ed. da Unesp, 2007.

FERNANDES, Olegário. [*Correspondência*]. Destinatário: José Costa Leite. Caruaru, 20 maio 1981. 1 carta.

FERREIRA, Jerusa Pires. *O livro de São Cipriano: uma legenda de massas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV ed., 2006.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Ler/ouvir folhetos de cordel em Pernambuco 1930-1950*. 537 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas



Gerais, Belo Horizonte, 2000.

GALVÃO, Wilson Luiz de Araújo. [Correspondência]. Destinatário: José Costa Leite. Canguaretama, 22 fev. 1974. 1 carta.

GASPAR, Lúcia. *Liêdo Maranhão*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2017. Disponível em: [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=316](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=316). Acesso em: 13 nov. 2019.

GOMES, Ângela de Castro Gomes (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV ed., 2004.

GOMES, Ângela de Castro Gomes. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos Arquivos Privados. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1988.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. *A arte do povo: histórias na literatura de cordel (1900–1940)*. 314 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins; GRILLO, Maria Ângela de Faria; FARIAS, Rosilene. *Mercado de São José: memória e história*. Recife: Iphan, 2010.

GUIMARÃES, Maria Rusinelma. [Correspondência]. Destinatário: José Costa Leite. Mossoró, 23 dez. 1982. 1 carta.

LEITE, José Costa. [Sem título]. [Entrevista concedida a] Geovanni Cabral. Condado/PE, 27 jul. 2015. Não publicado.

LEITE, José Costa. *A chegada de Silvino na Vila Macaparana*. [S. l.: s. n., 197–?a].

LEITE, José Costa. *A feiticeira do reino da Serra Branca*. Condado: [s. n.], [197–?b].

LEITE, José Costa. *A vitamina B-12 que cura a dor do amor*. [S. l.: s. n., 197–?c].

LEITE, José Costa. *O drama do retirante*. [S. l.: s. n., 197–?d].

LEITE, José Costa. *Uma mulher carinhosa*. [S. l.: s. n., 197–?e].

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 195–221.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. *Almanaque: toda a oficina da vida*. Recife:



Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008.

SANTOS, Alipio Bispo dos. [Correspondência]. Destinatário: José Costa Leite. Salvador, 26 jan. 1978. 1 carta.

SILVA, Expedito F. [Correspondência]. Destinatário: José Costa Leite. Mari-PB, 1984. 1 carta.

SLATER, Candace. *A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

SOUZA, Liêdo Maranhão de. *O mercado, sua praça e a cultura popular do Nordeste: homenagem ao centenário do Mercado de São José 1875–1975*. Recife: Prefeitura Municipal, 1977.

### Notas

<sup>1</sup>Doutor em História pela UFPE. Professor do curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Unifesspa. Integrante do Laboratório e Grupo de Pesquisa Itemnpo. Agradeço a leitura, críticas e sugestões apontadas pelos pesquisadores do grupo de pesquisa.

<sup>2</sup>Liêdo Maranhão de Souza (1925–2014) odontólogo, escritor, cineasta, escultor e colecionador da literatura de cordel e de outras manifestações da cultura popular. Foi um dos maiores conhecedores das histórias do Mercado de São José, principalmente da Praça Dom Vital, onde registrou os tipos humanos, suas práticas e ações entre as décadas de 1960 e 1970.

<sup>3</sup>José Costa Leite (1927–) nascido em Sapé/PB, reside em Condado/PE. Poeta popular de bancada, cordelista, xilógrafo e almanaqueiro.

<sup>4</sup>Utilizo o termo “folheto” porque era o nome utilizado pelos cordelistas em feiras livres e mercados no período entre as décadas de 1940 e 1970. Também nos jornais da época era comum o uso dessa terminologia em matérias sobre poesia popular. A denominação “literatura de cordel” tem origem ibérica, e passou a ser utilizada, no Nordeste, na década de 1970, a partir do momento em que pesquisadores e estudiosos da cultura popular começaram a empregá-la em seus escritos.

<sup>5</sup>Matriz xilográfica: nome dado aos tacos ou clichês de madeira em que os xilógrafos esculpem as imagens que serão impressas no papel, como uma espécie de carimbo. O desenho já impresso no papel com tinta tipográfica chama-se xilogravura.

<sup>6</sup>Almanaques de cordel: são um tipo de livro com diversos conteúdos, como, por exemplo, conselhos, horóscopo e orações, além de guias de plantações, utilizados para auxiliar agricultores e plantadores que vivem no meio rural. Recebem esse nome porque muitos eram produzidos por poetas de cordel. José Costa, por exemplo, é autor do *Calendário Nordeste* desde 1960.

<sup>7</sup>Livro de orações utilizadas para pedir proteção. O nome Caravaca vem da cidade espanhola, onde acredita-se que está guardado, em um relicário, um pedaço da cruz de



Cristo.

<sup>8</sup>O livro de São Cipriano era vendido em várias bancas de cordel e revistas espalhadas pelo Nordeste. Circulou em diferentes camadas sociais e tinha a fama de ser um livro “diabólico” por conter orações e várias práticas de feitiçaria. Esse livro foi bastante utilizado por Costa Leite em seus conselhos e crendices.

<sup>9</sup>O termo “amarrar o marido”, ou “prender o marido”, está relacionado com práticas de feitiços e orações que o poeta descrevia nessas cartas. O fato de organizar e publicar o almanaque (livro de previsões do tempo e conselhos astrológicos), dava a crer para algumas pessoas que ele tinha alguma espécie de “poder profético”. Essas práticas culturais se faziam presentes em sua escrita, mediante a comercialização de velas, defumadores e banhos de limpezas.

<sup>10</sup>Carta de Alípio Bispo dos Santos para José Costa Leite. Salvador/BA, 26 jan. 1978. No texto, foi mantida a grafia original.

<sup>11</sup>Carta de Olegário Fernandes para José Costa Leite. Caruaru/PE, 20 maio 1981. No texto, foi mantida a grafia original.

<sup>12</sup>Carta de Expedito F. Silva para José Costa Leite. Mari/PB, 1984. No texto, foi mantida a grafia original.

<sup>13</sup>Carta de Maria Rusinelma Guimarães para José Costa Leite. Mossoró/RN, 23 dez. 1982. No texto, foi mantida a grafia original.

<sup>14</sup>Carta de Wilson Luiz de Araújo Galvão para José Costa Leite. Canguaretama/RN, 22 fev. 1974. No texto, foi mantida a grafia original.

<sup>15</sup>Carta de Antônio Francisco de Almeida para José Costa Leite. 15 ago. 1982. No texto, foi mantida a grafia original.